



DATAS COMEMORATIVAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

SANTOS, Elissandro¹
ANDREZA, Karoline²
LEONI, Anilza³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir a utilização de datas comemorativas como ferramenta de prática pedagógica dentro do ambiente escolar no ensino de história. Essa pesquisa foi desenvolvida tendo como base as experiências que foram desenvolvidas na escola como bolsista do PIBID. A discussão vai girar em torno de atividades que foram realizadas em sala de aula, com as temáticas voltadas para feriados de Dia da Consciência Negra e Dia Internacional da Mulher. Esse diálogo vai ser feito também utilizando autores como Freire (1982), Bourdieu e Passeron (1992), Bezerra e Teixeira (2007), buscando fundamentar as práticas desenvolvidas. Observou-se que a utilização de datas comemorativas para fins pedagógicos podem contribuir para formação crítica e reflexiva dos estudantes se bem realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, prática pedagógica, formação crítica

1 INTRODUÇÃO

A escola pode ser compreendida como um espaço de convivência e formação semelhante ao ambiente familiar, no qual se desenvolvem valores, conhecimentos e práticas sociais. Nesse contexto, há um calendário escolar que contempla datas de grande relevância histórica e social, muitas das quais estão incorporadas ao currículo. Cabe ao Professor, especialmente na área de História, planejar e desenvolver estratégias pedagógicas que possibilitem a abordagem crítica dessas datas.

Entre as diversas comemorações, destacam-se o Dia da Consciência Negra, o Dia dos Povos Indígenas, o Dia Internacional da Mulher e o Dia da Amazônia, entre outras. Quando trabalhadas de forma reflexiva e contextualizada, essas datas podem se constituir como importantes ferramentas pedagógicas, contribuindo para a

¹ Graduando de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Campus Rio Branco. elissandro.junior@sou.ufac.br

² Graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID). Campus Rio Branco. karoline.assis@sou.ufac.br

³ Professora de História da escola Alcimar Nunes Leitão. Supervisora do Programa de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID). anilza.leoni@yahoo.com.br



promoção de um ensino crítico e para a formação cidadã dos alunos. Trata-se de uma perspectiva que se aproxima do que Freire (1982) denomina educação problematizadora, na qual o conhecimento é construído por meio do diálogo, da reflexão e problematização da realidade.

Esses estereótipos podem ser visualizados de diversas formas, por exemplo, na retratação do indígena como um ser “selvagem” que é muito presente em comemorações escolares que celebram o dia do índio. A reprodução de uma visão puramente colonial a respeito dos povos originários. Podemos mencionar também as representações de pessoas negras na condição de pessoas escravizadas, como se o dia da consciência negra se resumisse a reviver a dor das populações negras que foram oprimidas no período de escravização que se encerrou formalmente quando a abolição da escravidão no Brasil foi oficializada em 13 de maio de 1888 pela Lei Áurea.

Algo nesse sentido também ocorre quando se fala em Dia Internacional da Mulher que poderia dar ênfase a conquista de mulheres na história e falar sobre mulheres que foram protagonistas em diversos cenários de poder. No entanto, acabam limitando-se por abordar as mulheres como vítimas passivas de violência. Como se as próprias mulheres não tivessem realizado diversos atos de resistência contra essa problemática.

Essas representações podem ser compreendidas à luz do conceito de violência simbólica, desenvolvido por Bourdieu e Passeron (1992), que se refere à imposição de significados e visões de mundo que naturalizam relações de dominação. No contexto escolar, essa violência manifesta-se na reprodução de narrativas que reforçam estereótipos e silenciam outras perspectivas, contribuindo para a manutenção de desigualdades históricas

Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de problematizar o uso das datas comemorativas no ambiente escolar, especialmente no que se refere à reprodução de visões estereotipadas e simplificadas sobre determinados grupos sociais. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir as potencialidades e os desafios da utilização dessas datas como ferramenta pedagógica no ensino de História, a partir das experiências desenvolvidas no âmbito do PIBID, buscando refletir sobre práticas que contribuam para uma abordagem mais crítica, contextualizada e socialmente comprometida.



2 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo e reflexivo, utilizando relatos de experiências que foram desenvolvidas no âmbito do PIBID, em uma escola de ensino médio da rede pública. As experiências e resultados foram obtidos através da aplicação de atividades pedagógicas relacionadas diretamente a datas comemorativas, incluindo aulas dialogadas, discussões guiadas, produção de cartazes, através dessas realizações foi possível realizar observações em relação a participação dos estudantes. A análise foi realizada com uma articulação entre experiências obtidas na sala de aula e os referenciais teóricos adotados, que discutem a importância de uma educação crítica e reflexiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento de atividades, planejamentos e discussões realizados dentro do PIBID, foi possível observar que existem formas adequadas e inadequadas de abordar determinadas temáticas com alunos em sala de aula. O que não é diferente quando se trabalha temáticas que tem relação com datas comemorativas importantes. Ao utilizá-las como ferramentas pedagógicas, existem potencialidades e desafios que se fazem presentes na sua aplicação.

A experiência em sala de aula como bolsista do PIBID, em um projeto com a proposta de proporcionar a vivência docente antes da formação completa, coloca o sujeito em uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que ainda é estudante, já pode atuar como Professor. Essa dualidade, embora inicialmente confusa, possibilita tanto a prática da Docência quanto a observação crítica a partir do olhar discente.

Em formação, a docente se preparou por meio da leitura de artigos, incluindo estudos sobre o chamado “lobby do batom”, relacionado à luta das mulheres pelo direito ao voto, além de aprofundar conhecimentos sobre o feminismo e os direitos conquistados ao longo do tempo. Essa abordagem busca olhar o Dia Internacional da Mulher como uma data para celebrar as mulheres e seus feitos, se distanciando da visão estereotipada da mulher como uma vítima frágil e passiva. Uma visão que casa perfeitamente com a educação reflexiva defendida por Freire (1982) onde os alunos possam questionar o silenciamento de conquistas femininas na história. Ao estudar



um tema e elaborar um material expositivo, parte-se da expectativa de que o conteúdo será bem recebido pelos alunos.

Entretanto, essa expectativa nem sempre se confirma na prática. Nas turmas em que o projeto foi aplicado, a recepção não ocorreu como o esperado, o que gerou frustração. A situação revelou-se ainda mais crítica diante de falas marcadas por machismo e misoginia entre estudantes do 3º ano do ensino médio, que reproduziam ideias como a suposta rivalidade feminina ou a noção de que as mulheres desejam “trocar de lugar” com os homens.

Observou-se por parte dos alunos uma postura de relativização do machismo, das desigualdades enfrentadas por mulheres e a reprodução de estereótipos. Através disso percebe-se que os alunos estão reproduzindo o que Bourdieu e Passeron (1992) vão chamar de violência simbólica, onde as ideias de uma maioria são vistas como “normais” mesmo sendo relações desiguais, o que dificulta a formação de um pensamento crítico, gera resistência e impede sua problematização. O conhecimento prévio dos alunos, muitas vezes moldados por pensamentos que são formados fora da escola por uma sociedade machista, muitas vezes pode se transformar em um desafio ao se trabalhar a história de grupos marginalizados historicamente, como as próprias mulheres.

Diferentemente do que foi observado em relação as atividades do Dia Internacional da Mulher, os projetos pedagógicos com ligação ao dia da Consciência Negra contou com um engajamento maior dos alunos. Para que esse feriado pudesse ser trabalhado da melhor forma possível, optou-se por atividades que enfatizassem o protagonismo negro, evitando abordagens que coloquem as populações negras em posição de vítimas históricas e passivas, como se as suas histórias só se resumissem a esse papel. Para trabalhar a temática, utilizou-se livros de literaturas que foram produções de escritoras africanas. O objetivo era que os alunos pudessem ter acesso a obras escritas por pessoas negras, que contassem as suas próprias histórias, distanciando-se assim das visões etnocêntricas de escritores que não conhecem propriamente a realidade das populações negras. Para isso foi utilizado os textos *Precisamos de Novos Nomes* escrito por NoViolet Bulawayo (2013) e *O Perigo de Uma Única História*, escrito por Chimamanda Ngozie Adichie (2019). Realizou-se aulas dialogadas com as turmas do segundo ano, utilizando trechos dessas obras. Essa abordagem tinha como objetivo ir além da concepção de educação bancária



diagnosticada por Freire (1982), onde os alunos são apenas receptores passivos de conhecimento. Ao longo das aulas foram realizadas analogias entre as situações contadas pelas autoras e o contexto dos alunos, como por exemplo os estereótipos a respeito do continente africano, onde as autoras nasceram e a respeito da visão que parte dos brasileiros tem a respeito do Acre. Essa escolha tinha como objetivo trabalhar a temática conectando o tema com o contexto que os alunos observam no dia a dia, adotando o que Bezerra e Teixeira (2007) chamam de abordagem multicultural, onde as vivências dos alunos se tornam parte do aprendizado, uma vez que permite aos alunos desenvolver um maior interesse pelo que está sendo trabalhado uma vez que eles podem se identificar em determinadas situações.

Após as aulas, designou-se que os alunos realizassem a produção de cartazes, destacando pessoas negras importantes para formação da sociedade brasileira. Ao longo da produção, muitos alunos realizaram questionamentos a respeito de quem seriam determinadas pessoas como Machado de Assis, Carolina de Jesus, Dandara dos Palmares, entre outras. Isso revela que o ensino a respeito da cultura afro-brasileira, com foco em pessoas negras que realizaram feitos históricos ainda é muito escasso. Isso acontece por conta de uma abordagem muito depreciativa da consciência negra dentro das escolas. Quando se fala em populações negras, muitos alunos são levados a pensar previamente nos processos de escravização, nos trabalhos forçados e nas dificuldades enfrentadas por esse grupo. Não é um erro abordar esses assuntos, uma vez que são fatos históricos que influenciam na vida de pessoas negras nos dias atuais. Mas a história de luta dos afro-brasileiros não podem ser resumir apenas a tais simplificações.

Essa experiência revela que é necessário trabalhar o dia da consciência negra não apenas como um feriado festivo, onde se reproduz a violência enfrentada por populações negras. Mas também como uma oportunidade de permitir que os alunos possam ter acesso a história dessas populações negras. Essa abordagem faz com que esse dia deixe de ser apenas mais uma data a ser comemorada, permitindo que se torne também um ato de resistência, uma vez que passa a servir como oportunidade de presença da cultura afro-brasileira em meio a um ambiente escolar que muitas vezes acaba optando por reproduzir visões coloniais e etnocêntricas por conta de padronizações excessivas dentro das instituições de ensino, escolha essa



que envolve não apenas relações de poder mas também os problemas estruturais das próprias escolas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o título deste artigo, “datas comemorativas como práticas pedagógicas”, conclui-se, a partir das reflexões desenvolvidas, que essas datas devem ser compreendidas como importantes ferramentas didáticas no contexto escolar. Mais do que momentos pontuais, elas possibilitam a construção de reflexões significativas, ao relacionar os alunos com experiências históricas e sociais que contribuem para a formação de sua consciência crítica.

Nesse sentido, seu uso favorece o desenvolvimento de um aluno mais questionador, participativo e investigativo, especialmente em uma perspectiva educacional que valoriza o diálogo e a troca de saberes, o que vai contra a concepção de educação bancária e se aproxima de uma educação libertadora, onde os alunos são sujeitos ativos dentro do processo pedagógico. Quando trabalhadas de forma intencional e para além de práticas superficiais ou meramente recreativas, as datas comemorativas revelam um grande potencial formativo, cujo impacto pode ser observado no processo de aprendizagem e na postura dos estudantes.

Assim, ao abordar datas como o Dia da Consciência Negra a partir da valorização, resistência e feitos culturais das populações negras, o Dia Internacional da Mulher de maneira crítica e formativa desde os anos iniciais, contribui-se para a construção de valores sociais mais justos e conscientes. Dessa forma, conclui-se que a utilização crítica e planejada das datas comemorativas no ambiente escolar constitui uma estratégia pedagógica relevante para a formação de sujeitos mais conscientes, reflexivos e comprometidos com a sociedade em que estão inseridos.

5 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo apoio ao desenvolvimento deste trabalho, a Universidade Federal do Acre (UFAC), a escola Alcimar Nunes Leitão, a professora supervisora Anilza Leoni Alves de Sousa e a Coordenadora de área Dra. Vanessa Generoso Paes e por fim ao Conenort pela oportunidade.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BEZERRA, R. D. B.; TEIXEIRA, C. R. **Escola, currículo e cultura(s): a construção do conhecimento na perspectiva da multiculturalidade**. Revista Espaço do Currículo, v. 13, n. 2, p. 185–198, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec>. Acesso em: 26 mar. 2026.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BULAWAYO, NoViolet. **Precisamos de novos nomes**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.